**Uma visita nunca é só uma visita: hospitalidade, movimento e sociabilidade em uma Comunidade Quilombola[[1]](#footnote-1)**

**Daniella Santos Alves [[2]](#footnote-2)**

**UFSCar/SP**

**Palavras-Chave:** Quilombo, Hospitalidade e Sociabilidade

**Uma visita nunca é só uma visita**

Esse é um texto sobre mobilidades e recepção. Por mobilidade, entende-se os diferentes modos e motivos de chegar e sair das casas, e por recepção, o ato ou o efeito de receber alguém que venha dessa mobilidade. Essas mobilidades podem ser entendidas como *visitar[[3]](#footnote-3), dar um recado, fazer bestagem, fazer a ronda, fazer fofoca/fuxico* sendo feita tanto entre os moradores da Comunidade Quilombola Ourinho do Norte[[4]](#footnote-4), *os de dentro*, quanto pelas pessoas *de fora*[[5]](#footnote-5)que circulam no quilombo. Nesse texto, em específico, irei centralizar a discussão nas *visitas*[[6]](#footnote-6) feita por pessoas *de fora* em dois setores[[7]](#footnote-7) distintos do quilombo, Colina e Pavão; e as outras mobilidades – *dar um recado, fazer bestagem, fazer a ronda, fazer fofoca/fuxico* – como ferramentas de circular as observações, os julgamentos e a vigilância que os moradores de cada setor fazem, sobre a receptividade do outro grupo.

Essa preocupação sobre o modo como cada setor recebe obedece a, ao menos, dois motivos centrais, um histórico e um político. O primeiro é algo intrínseco à sociabilidade *ourinhense,* e envolve a *receptividade*[[8]](#footnote-8) como um traço ancestral do mundo quilombola. Isto é, as famílias sempre aprenderam que é importante *dar o último, vizinhar um alimento e ajudar* e isso veio desde a finada *Vó Antônia*, um exemplo de hospitalidade e bondade. Logo, vigiam, comentam e julgam as casas e as famílias que herdaram tal costume bem como as que não o fizeram, cuja reputação são de *suvinos, egoístas e gente ruim*. O motivo político está relacionado com a *época da política* do governo Lula e a sua atuação – representada pela Fundação Cultural Palmares (FCP) – diante do reconhecimento das Comunidades Quilombolas do Tocantins, além dos programas vinculados a esse governo como o Luz para Todos e o Minha Casa, Minha Vida[[9]](#footnote-9).

Enade do Pavão, mas também *Regis* do Colina*,* notaram que receber bem os funcionários do governo foi fundamental para que esses projetos, fossem implantados mais rápido na Ourinho do Norte do que em outras comunidades da região. E isso aconteceu, segundo eles, justamente porque ofereciam comida, pouso e um bom assunto, revelando a importância de protagonizarem a hospitalidade. Assim, a *receptividade* que até então era feita entres os parentes e alguns chegados, passa a ser direcionada a outros agentes como uma deliberada ação política[[10]](#footnote-10), de angariar vantagens através do bom tratamento desses funcionários, movimento que não ficou restrito ao plano governamental, mas passou também para os pesquisadores interessados na comunidade, tanto estudantes da Universidade Federal do Tocantins (UFT) como de outras universidades; e, desde 2015, o grupo passa a receber constantemente os funcionários ligados ao empreendimento da XRTE[[11]](#footnote-11).

Assim, ambos os setores querem protagonizar a recepção, tanto para terem a fama de casas e famílias mais receptivas do quilombo, obedecendo, de certo modo, essa preocupação histórica, mas também para conduzirem as supostas vantagens políticas que as relações com *os de fora* podem oferecer. Mas isso por si só não explica o motivo de esses dois setores competirem entre si para serem a referência de hospitalidade dos *de fora*. A contenda entre Colina e Pavão sempre existiu, mas passou a ser mais acentuada partir de 2017. Explico. Desde a criação em 1990 da Associação dos Mini e Pequenos Produtores Rurais da Ourinho do Norte, os moradores do Colina e do Pavão revezam na liderança da associação exercendo tanto o papel de referência política, como de hospitalidade para os chegantes. Até o ano de 2005 quem conduzia a Associação e lidava com as pessoas *de fora* era Francisco (**in memoriam**) do Pavão, depois foi *Regis* do Colina em conjunto com Enade do Pavão (nora de Francisco), ele era o presidente e ela a tesoureira até 2016.

Entretanto, em 2017, Joana do Colina foi eleita presidente e assumiu a liderança da Associação, passando a receber os funcionários do empreendimento bem como outras pessoas *de fora* que chegam até a comunidade. Porém, diferente do seu primo *Regis,* que atuava em parceria com Enade, ela entende que o cargo de presidência tem limites de atuação, isto é, algumas deliberações devem ser feitas de maneira independente e outras compartilhadas com os demais moradores, pensamento que não foi bem visto por Enade. Esse mecanismo de ação era distinto do até então observado por ela, o que a fez perder um pouco do domínio e do controle sobre os chegantes, pois agora, estes, além de não ficarem no seu setor, ficavam com alguém não tão próximo. Esse cenário acabou se tornando um catalizador de conflitos[[12]](#footnote-12) que, diferentemente de ataques diretos, são externalizados por insinuações e pelos julgamentos que fazem uns dos outros através de comportamentos cotidianos, como, por exemplo, sobre os modos como o outro grupo faz política e/ou interpreta os direitos dos moradores sobre as bolsas de estudos, a forma como educam as crianças e, principalmente como recebem as pessoas quesão *de fora*, observando desde o jeito que se oferece um café até como aceitam algum presente.

Nesse sentido, o objetivo desse texto é o de mostrar o modo como cada setor entende e compara a sua *receptividade* com a do outro através dos julgamentos, observações e vigilância feito pelas mobilidades dos moradores. Essa circulação de comentários acaba por intensificar o conflito entre eles – que buscam sempre protagonizar a recepção – tendo o seu ponto alto no momento em que um chegante escolhe ou aparenta escolher a hospitalidade do concorrente. Vale ressaltar que nesse texto não objetivo centralizar meticulosamente a discussão nos modos de visitar e as suas múltiplas faces – afeto, controle, vigilância, perigo – mas tão somente apresentar a visita enquanto uma face da hospitalidade e uma das ferramentas de conflito entre os setores. Esse modelo de agência influência tanto a dinâmica interna, mas reflete também *nos de fora*, visto que, dois funcionários do empreendimento, Felipe e Rogério, escolheram e se afeiçoaram mais a um setor, mostrando que essa sociabilidade *ourinhense*, dada por relações agonísticas, parece cumprir o seu propósito de aproximar e controlar o chegante.

Para complexificar ainda mais essa relação, a nós, *de fora,* ainda era informado que alguns conhecimentos da comunidade só poderiam ser obtidos no setor concorrente; logo, se a antropóloga da XRTE, responsável por fazer o PBAQ[[13]](#footnote-13) do quilombo, quisesse saber do período antigo da comunidade, deveria fazer uma visitaa Francisco do Pavão. Mas se o caso fosse o de assinar um documento a respeito dos impactos nas terras *ourinhenses*, deveria falar com *Regis* ou Joana do Colina. Eu, enquanto pesquisadora, se quisesse saber um pouco mais a respeito do auge das políticas públicas, deveria falar com Enade, mas se o caso fosse saber sobre categorias êmicas e suas definições, deveria falar com *Ieda,* irmã de *Regis* e prima de Joana do Colina. Cada um desses setores e dessas personagens parecia ter um domínio muito especifico sobre parte da vida na comunidade, exigindo dos *de fora* um equilíbrio das relações constituídas com essas personagens que, ao mesmo tempo que entendiam a importância do outro, não dosavam nas provocações e insinuações ao setor concorrente.

Para entender esses modos de visitar e receber, irei mostrar o movimento – observações, narrativas e julgamentos – de cinco figuras centrais dos dois setores: *Ieda* do Colina e Margareth do Pavão; uma figura que pouco fica, muito anda e muito sabe ao fazer *a sua ronda (Regis)* do Colina*;* e,por fim,de duas lideranças da comunidade Enade do Pavão e Joana do Colina que, ao mesmo tempo que recebem muitas pessoas, precisam transitar para visitar os moradores da Ourinho do Norte para entenderem as suas demandas. Darei atenção as conversas e os gestos que acontecem no espaço das casas, entre quem recebe e quem é recebido, mas também no espaço de caminho, no percurso daquele que se desloca de um lugar ao outro, buscando olhar mais para uma narrativa do percurso do que do destino (SOUZA; GUEDES, 2021).

Para acompanhar essas mobilidades que desaguam em prévias, presentes e/ou futuras narrativas sobre a *receptividade*, eu me dividi[[14]](#footnote-14) entre os dois setores, isto é, passei um tempo sendo visita em um, e sendo visita em outro. Durante esse período, presencial e a distância, além de observar as mobilidades pude entender que o conflito era acentuado pela permanência e/ou suposta preferência que uma pessoa *de fora* destinava a um setor. Mediam esse grau de proximidade pelo tempo que alguém passava no setor “rival”, mesmo quando esta permanência obedecia a interesses de trabalho. Essa sociabilidade agonística[[15]](#footnote-15), mostra como as mobilidades não se tratam apenas de um deslocamento, existe sempre um motivo e um objetivo ao circular e ao receber, destacando modos de vigilância, afeto e controle, que são construídos no fluxo de pessoas nas/das residências, permitindo, como mostraram COMERFORD (2003, 2014), CARNEIRO (2010) e DAINESE (2011, 2016), toda uma sociabilidade dada pelas narrativas, vigilâncias e julgamentos feitas sobretudo nos atos de visitar[[16]](#footnote-16).

**O Colina**

Ser *bem recebido* na Ourinho do Norte significa oferecer uma água, um café, uma comida, um assento, uma pausa no trabalho, às vezes um suco, e se mostrar afeito à conversa*.* A recepção é destinada a qualquer pessoa, parentes por afinidade próximos e/ou distantes, conhecidos, desconhecidos, agentes da prefeitura, do estado, da XRTE, de outras comunidades quilombolas, da UFT. À medida que o chegante vai pegando intimidade e se tornando *de casa*[[17]](#footnote-17), a recepção passa a ser mais calorosa, conforme o setor, mas em sentido geral, você é convidado para um almoço, para sentar no espaço da sala e da cozinha, comer um beiju de tapioca, é convidado para um churrasco, *matar um frango pra gente comer*, o trânsito na comunidade é feito livremente. Aproxima-se de outro modo, sua presença é andar, chegar às casas, afinal, todos te conhecem. São os amigos, os que se tornaram amigos e os parentes próximos.

Nas primeiras *visitas* no Colina, a recepção era feita por todos que residiam ali, afinal, quem era a antropóloga que estava com Joana e *Regis,* e queria conhecer a comunidade? Tinha uma dose de curiosidade, mas também de preocupação, era necessário entender os meus objetivos. Não que isso fosse feito a luz de caras fechadas, pouco assunto e desconfiança assumida, era o contrário, eram abertos, barulhentos, alegres e sempre muito solícitos. Ao primeiro sinal da minha chegada, as crianças e *Regis*, vinham correndo em direção ao carro, e os adultos paravam na porta da casa para me esperar descer. Eu chegara como *visita*, mas logo fui me tornando *de casa*. A *visita*, segundo *Ieda*, são aquelas pessoas ‘*que* *não tem tanta intimidade, aí precisa sentar* *e largar o de fazer, tem uns parentes que é visita, as pessoas de fora, ou que mora mais longe ou de idade’.* A *visita* aí representada por *Ieda*, era feita por alguém com quem não se tinha tanta intimidade e por isso era desejado ao dono da casa que ele dedicasse um tempo a esse encontro, o que não invalidava o fato de uma pessoa *de casa* também vir a ser *visita*, mas para isso acontecer era preciso *combinar*[[18]](#footnote-18).

À medida que ia me aproximando dos moradores do Colina, eu oscilava entre ser *de casa* e entre *ser visita*, pois, ao mesmo tempo que a mim era destinada a liberdade de transitar, ainda assim, eu não ficava totalmente livre como os parentes, havendo uma preocupação com o meu almoço, o meu café da manhã e a reserva de um espaço privado para eu dormir e descansar. Segundo *Regis,* o bom anfitrião oferecia isso tudo: ‘*liberdade*, *atenção,* *cama, assunto, comida e roupa lavada’*. Essa *liberdade* envolvia sobretudo o trânsito, a mobilidade de ir e vir entre as casas, de sentar no sofá sem um convite prévio, de cochilar se fosse o caso, era puxar um assunto com o dono da casa sabendo que ele também iria retribuir àquela atenção. Nos períodos em que estive hospedada no Colina, a maior parte do tempo fiquei em Joana e, assim como ela, fazíamos a refeição na sua prima *Ieda.*

O tempo em que eu fiquei em Joana eu ia observando o modo como ela recebia os chegantes, eram agentes *de fora* da XRTE, os seus parentes próximoscomo *Ieda e Regis,* mas também os mais distantes como Indira e Enade do Pavão. Estas últimas iam até a sua casa sempre com um objetivo definido, não ficavam *fazendo bestagem* – movimento de ficar transitando na vizinhança associado à brincadeira – como *os de casa*. Recebia também alunos, ex-alunos e/ou futuros alunos da UFT que à procuravam para pedir que assinasse algum documento necessário para uma bolsa de estudos. Às recepções com menor intimidade, como com os parentes distantes, ela oferecia um café e algo para comer, aos mais próximos não era preciso convite, estes já chegavam ‘*mexendo nas panelas*’.

Era habitual que Távito, funcionário da XRTE, chegasse em sua casa na hora do almoço e, Joana, poderia tanto estar na porta com um sorriso no rosto, ou no fundo lavando roupa, mas independente do lugar, a liderança *largava o serviço* e ia em direção ao funcionário oferecendo o *de comer*. Podia ser uma omelete com arroz, uma carne de panela, mas também oferecia uma ressalva: ‘*da próxima vez que vier nesse horário traz um sorvetinho, é bom’* (risos). Ela também fazia isso com Jéssica, caso a funcionária ligasse ou se dirigisse ao quilombo para tratar de assuntos referente às medidas mitigatórias do empreendimento, marcando alguma reunião ou encontro; Joana se antecipava: ‘*Quando vier traz um bolo para o lanche amanhã, viu Jéssica, ai eu passo o café’*. Outras vezes, quando não fazia o café, ela levava suco de polpa de fruta – feito no quilombo – para acompanhar alguma refeição que ela pedia. O tom descontraído direcionado a esses funcionários eram revelados a mim, em momento posterior, como um modo de receber bem, ‘*porque somos educado e puxamos Vó Antônia*’, mas também de vigilância para ‘*não vir chegando de qualquer maneira’.* Existia em Joana uma consciência do seu ato, ao mesmo tempo que também envolvia a importância de agradar o chegante: ‘*Ei Dani,* *eu* *falo isso brincando, gosto da Jéssica, mas eles têm interesse aqui e tão ganhando dinheiro, o que tem que trazer um bolinho?’* (risos).

Esse modo de receber os funcionários não era presenciado apenas por mim, mas também por outros moradores da Ourinho do Norte que, no seu movimento de andar pela comunidade, ouviam e faziam veicular as palavras e os julgamentos de cenas como essa entre Jéssica, Távito e Joana. Esses movimentos poderiam virar *fofoca*[[19]](#footnote-19) – comentários gerais sobre o ocorrido – ou *fuxico* – comentários maldosos da mesma situação. A diferença de um para o outro era o tom da abordagem e a insinuação do fato – contendo julgamento ou não. Sobre esse assunto, chegara aos ouvidos de Joana – nunca se sabe por quem – que estavam comentando *lá embaixo[[20]](#footnote-20)* sobre o modo de ela receber os funcionários do empreendimento: ‘*onde já se viu pedir comida para quem vem na comunidade’*. O tom de reprovação julgava não só o jeito como Joana estava recebendo os funcionários,mas como seriam vistos enquanto uma comunidade receptiva. E essa conversa não parava por aí, pois Joana, ao ouvir o comentário, saiu em direção à casa de *Ieda: ‘Ieda*, *acho que uns aí não achou bom eu pedir as coisas para Jéssica não’* (risos). *Ieda* completava a frase com ‘*não sei qual o problema disso, até se me oferecer: - oh gente sobrou isso aqui, quer levar? eu pego na hora, tem cerimonia não, agora tem um povo aí’***.** Os termos ‘*uns aí’ ‘e o povo aí’*, aos quais elas faziam referência, eram os moradores do Pavão, para os quais essas atitudes na recepção eram inadmissíveis.

Com o objetivo de legitimar a ação do Colina, as primas continuavam a prosa – a pé, no carro ou na casa uma da outra – tecendo comentários sobre o que acreditavam ser uma boa recepção: ‘*Tem que ficar à vontade, ter liberdade, poder trazer a comida, pois as vezes eu não tenho condição de fazer uma comida diferente e ainda divide com o dono da casa’.* No entendimento de Joana, pior seria oferecer a Jéssica algo que ela não gostasse do que pedir para a funcionária levar ‘*um bolinho’*. Ademais, esse movimento reduzia os custos do anfitrião em oferecer o alimento ao mesmo tempo que permitia a liderança observar e entender o seu gosto. Esse **modus operandi** foi também direcionado a mim não só por Joana, mas também por *Ieda*. Incontáveis foram as vezes que, se não pediam algo da cidade para complementar uma refeição, sugeriam que eu fizesse alguma comida ou indicasse uma preferência de um suposto alimento. Ao fim do meu posicionamento, elas comentavam: ‘*ah então você gosta de café sem açúcar’*, ou então, ‘*você prefere ovo do que carne frita*’, ‘*Dani vive de dieta, gosta de salada’*, ‘*suco é sem açúcar’*.

Sobre o modo de receber o visitante, as primas também diziam que a pessoa podia ser hóspede e não oferecer nada, as vezes a pessoa não tinha condição de levar alguma coisa e o *básico* *não faltava* (arroz, feijão e carne); agora, se pessoa quisesse levar um alimento para o consumo próprio e/ou coletivo, ou até mesmo para agradecer a recepção da família acolhedora com outro agrado, não havia problema. E, para isso, elas davam o exemplo de Rogério[[21]](#footnote-21), ele não tinha o costume de levar comida, agradava cuidando das crianças e dos pets. Ele adorava comer tudo que ofereciam a ele e o ‘*que via pela frente*, *não tinha* *frescura*, era *macarrão com ovo, peixe de molho de Zé, carne frita, o que tivesse ele mandava pra dentro’,* concluía *Ieda.* Às vezes, dizia Joana, *‘nem a gente gostava da comida e ele tava lá se esbaldando’*. O funcionário poderia até ter mais benesses no Pavão por ser um setor mais abastado, entretanto, segundo elas, ele preferia ficar no Colina, ‘*igual você né, Dani?’,* finalizavam e riam da minha feição impassível. Elas continuavam: dizendo ser brincadeira, mas acrescentavam: ‘*você já é como a gente, não dá pra comer esse macarrão do Zé, mas aqui a gente brinca, não te obriga a comer’* (risos).

A brincadeira com *Regis* era rotineira, especialmente, pela comida que ele oferecia às visitas que, segundo elas, não era tão boa, ‘*só Rogério para comer’*. Esse *macarrão com ovo* me foi oferecido muitas vezes, mas as primas não o deixavam fazer ‘*aquilo comigo nem para agradar’,* e logo caiam na risada. Ainda nessa última frase elas também ressaltavam: ‘a *gente não te obriga a comer’*, fazendo uma insinuação aos moradores do Pavão, pois estes, caso o visitante não gostasse da comida, não tinha a opção e nem a liberdade de recusar, pois se o fizesse seria repreendido, pela ‘*falta de educação dos de baixo’*, concluía Joana e *Ieda*.

***O fazer a ronda***

Aos ouvidos de *Regis*, chegaram também os comentários sobre a recepção de Joana aos funcionários do empreendimento, e isso acontecia a partir de um movimento próprio, o *fazer a ronda*. O *fazer a ronda* é um movimento sistemático, diário e feito tanto com os parentes com intimidade quanto aqueles com pouca intimidade. Ele conjuga outras mobilidades como o *fazer bestagem, dar recado e* fazer uma *visita*, mas, diferente de outros moradores que tinham a sua imagem associada a algum afeto ou desafeto, a figura de *Regis* era vista com imparcialidade, ele era o único na Ourinho do Norte que transitava entre todos os setores, sem que alguém levantasse qualquer dúvida ou insinuação quanto a sua presença. E isso acontecia justamente porque ele ponderava diante das situações de julgamentos, mas não deixava de circular pela comunidade algum comentário, a diferença era que esse vinha com uma abordagem mais sútil. Explico.

Hospedada no Colina, quando eu não estava na casa de Joana, eu fazia a *ronda* com ele pela comunidade; segundo *Regis:* ‘*eu chego nas casas, vou na área, tomo um cafezinho, vou na cozinha, assunto[[22]](#footnote-22) e vou embora’*. Ao *fazer a sua ronda*, muito ele sabia e muito ele conhecia, foi assim também que ouviu o comentário a respeito de sua prima quando passávamos em frente à casa de Margareth do Pavão. Do seu quintal, a moradora conseguia avistar quem passava pela estrada e, ao nos ver, ela gritou: ‘*Ei Daniella, cuidado pra não ficar lambida como Joana, daqui a pouco ta pedindo comida nas casas ou pro povo ai’* (risos). Essa conversa já tinha circulado pelo Pavão, não sendo comentada só por Margareth, mas por vários outros a respeito daquela recepção. *Regis*, a ela, se continha em dizer ‘*paz do senhor*’, e seguia andando, e eu, para amenizar aquele comentário, detinha-me a replicar: *está tudo certo Margareth, mais tarde eu passo por aí*.

Entretanto ao retornamos para o Colina, *Regis*, em tom de brincadeira, não deixava de comentar com Joana ‘*Ei Joana, fiquei sabendo que você ta pedindo comida para Jéssica?*’ (risos). *Ieda* que também estava na casa, junto com o irmão e a prima começaram a rir daquela situação, não deixando, é claro, de me explicar que essa relação com a Jéssica não era com todos os visitantes, mas como a XRTE estava ganhando com a comunidade, não deixariam de pedir. *Ieda* concluía seu pensamento ressaltando também que: ‘*o povo ali de baixo é muito ciumento, por isso tão falando isso de Jéssica’*. O *fazer a ronda* de *Regis*, era um importante mecanismo de observar e vigiar os comentários dos moradores do Pavão sobre a recepção do Colina, mas ele não circulava os comentários como *fuxico*, ele fazia o que intitulava de *fofoca sadia* e era só ‘*com Joana e Ieda, nem com pai, ele fala muito’*.

O *fazer a ronda*, poderia ser feito também como uma forma de vigiar se o visitante estava sendo bem recebido no seu setor, bem como para saber o que ele estava fazendo. Todos os dias ele *fazia o giro* pelas casas do Colina e no período em que fiquei em Joana, ele ia até lá para verificar como eu estava sendo recebida, oferecia a casa dele para eu estudar, levava abacate para mim e Joana, e até mesmo oferecia um frango que *Ieda* faria de janta. Com Rogério também foi assim, o agora ex-funcionário da XRTE voltara ao quilombo em setembro de 2021 permanecendo dois meses na casa de *Regis* – recém construída pelo projeto Minha Casa e Minha Vida. Ali, ele transitava pelas casas do Colina e pouco nas casas do Pavão, me diziam os primos, mas quando estava à serviço do empreendimento circulava em todos os setores. Comia tudo que *Regis* oferecia, levava presentes de Porto Nacional para Sandola – pai de *Regis* – e, além de ser agradado com as comidas, o assunto e a risada nunca faltavam, concluíam eles. Rogério parecia ter se afeiçoado a hospitalidade do Colina, dizia a liderança com orgulho.

**O Pavão**

No Pavão, o conceito de *visita* era similar ao definido por *Ieda*, Margareth dizia: ‘*visita assim é um tipo de pessoa que é mais assim, a pessoa não tem essa liberdade de chegar e entrar, entendeu’,* mas, na contraposição do Colina que o visitante era controlado por uma liberdade nas suas escolhas, no Pavão, a *visita* era vigiada por um controle direto e sério. Nas primeiras idas até o setor eu também era recebida por todos, entretanto, diferente dos ‘*de cima’*, onde as crianças e alguns adultos antecipavam os passos da minha chegada, no Pavão eram os meus passos que se direcionavam às crianças e às famílias. Ao sinal de um visitante, não tinham o costume de ir recebê-lo, mas o contrário, o visitante que ia em direção aos moradores que ficavam reunidos no barracão de torrar farinha, descascando mandioca ou fazendo rapadura: são *‘um povo trabalhador’*, dizem de si mesmos. Esse modo no receber não deixava de ser também um mecanismo de vigilância, mas, diferente do Colina, em que aproximavam do chegante para vigiar, no Pavão, a suposição era que *o de fora* desse o primeiro passo: afinal, o interesse seria deles, não significando a existência de uma recepção pouco acolhedora, mas aos moldes da *natureza do setor[[23]](#footnote-23)* de Francisco*,* *desconfiada*.

O movimento ali era diferente, a quantidade de crianças entrando e saindo das casas, bem como de parentes indo e vindo, era menor que o ritmo do Colina. O lugar era mais silencioso e pacato. O movimento, bem como os julgamentos sobre as outras famílias, eram feitos em uma triangulação de casas, a de Fernanda no centro, a de Indira a direita e a de Enade a esquerda. Essas casas eram separadas por menos de quatro metros uma da outra, de modo que do quintal de uma já se ouvia o assunto do quintal da vizinha; além disso, a disposição das casas e do setor permitia a esses moradores a constante vigilância daqueles/as que passavam pela estrada central da Ourinho em direção ao Colina. Conseguiam ver não só quando alguém subia, mas a duração do encontro, controlando a chegada, a saída e/ou a permanência de algum parente, amigo e/ou funcionário da XRTE. Isso porque do mesmo modo que subiam, tinham que descer passando novamente na porta do Pavão.

Alguns visitantes, no retorno, passavam no setor e desciam, e quando isso acontecia Enade não deixava de comentar, como com Felipe[[24]](#footnote-24): *‘Ei, vi sua caminhonete subindo, está descambando pra lá*?’ Ou então, quando eu descia após ter passado o dia com o povo do Colina: *‘a gente viu seu carro subindo logo cedo, aí resolveu aparecer, hmm ai ai’* – concluía Enade. Outras situações poderiam vir acompanhadas do silêncio, da virada de costas e da mudança de assunto na minha presença, sempre acompanhados de gestos de desconfiança e olhares fuzilantes, deixando a cargo do visitante – como no meu caso – a apresentação de uma justificava razoável para aquela momentânea preferência. Várias eram as justificativas que eu apresentava – se plausíveis ou não, eu não sei –, mas eram aceitas por uma característica que Margareth endereçava a mim: *ser* *lambida* que, nada mais era do que não ter *‘vergonha na cara, ir chegando, assuntando e quando vê todo mundo ama’*.

Eu ria, abraçava e desviava a conversa para não fazer daquela vigilância e comparação com o setor “rival” a centralidade do nosso encontro, eu não estava ali para alimentar cisões mesmo que, momentaneamente, também fosse o motivo delas. Para evitar esses comentários, não apenas eu, mas Felipe e alguns funcionários da XRTE, como Rogério e Jéssica, entendíamos a importância de “equilibrar os setores”. No meu caso, se o objetivo fosse estar com o pessoal do Colina, eu descia antes no Pavão, passava na casa de cada um – ao todo eram cinco casas –, cumprimentava os moradores e tomava o café que me era oferecido. Se eu passasse em Fernanda, a demora era certa. Ela me oferecia cacau, buriti, suco de acerola, frango, quiabo e salada. Ali, eu não podia cozinhar como no Colina, era proibido pois, segundo Fernanda, *visita* na sua casa ‘*o tratar é diferente, tem essa de levar e fazer nada não’*.

Em algumas dessas *visitas* à casa de Fernanda era comum Enade ouvir a minha voz ou a de Fernanda e logo vir compor a cena. O assunto era diverso, e em algum momento a receptividade do setor concorrente era colocada em xeque. Em um dia que eu ainda estava hospedada no Colina, ela me disse: ‘*não sei porque você não fica só aqui*, *como guenta aquela criançada pedindo as coisas*, *hmm*, o *povo ali nem sabe educar os filhos’*. E para legitimar seu julgamento, já me apresentava uma situação sobre *‘Rogerinho e Ryan*, [filhos de Simone do Colina], *que ficam a tarde toda no bar com a mãe, não demora vai seguir o exemplo’*. O comentário também se estendia à filha de *Moreninha, esposa de Luis* do Colina que, enquanto a mãe estava no bar, ficava sozinha em casa sendo alvo de qualquer *homem desocupado*. Enade sabia dessas *fofocas* *nunca se sabe por quem* e do mesmo jeito que comentava sobre essas características do pessoal do Colina, ela veiculava insinuações e julgamentos sobre a recepção de Joana com o pessoal da XRTE que ouvira de uma *visita* que fez à Noca, na Fontinha (setor). O morador, estava na reunião com a Jéssica e logo comentou com Enade que passou para Fernanda e Indira do Pavão.

Esse assunto foi colocado em cena, em um dia que estava acompanhando Enade até a fábrica de polpa de fruta, junto com Fernanda: ‘*onde já se viu, Fernanda, pedir pra levar comida, cumpade Noca tava me contando, o que vão falar da comunidade quilombola, não é Daniella?*’ Em contrapartida, eu me limitava a dizer que cada um tinha um jeito de receber e que talvez não fosse tão problemático a XRTE levar algo, visto que estavam ganhando muito com a comunidade. Enade, ignorando o meu comentário e ainda inconformada com a situação, me dizia: *‘hmm, Ourinho do Norte é famosa porque a gente trata bem, não é Fernanda?’* E, para finalizar o seu pensamento de que o Pavão *tratava melhor,* ela me apresentava o comentário de um amigo do seu filho que ficara em sua casa tempos atrás; o rapaz morava em outra comunidade quilombola no interior do Tocantins e disse a ela: ‘*Dona Enade já fui em muita comunidade assim sabe, mas tipo assim aqui na Ourinho do Norte, na casa da senhora, deixa a gente a vontade, é diferente’*

Para Enade a *visita* tinha que ficar à vontade na sua casa, mas: ‘*não podia cozinhar e tinha que comer aquilo que dá sustança, a pessoa tem que trazer nada não, tá no quilombo, tem que saber dos costumes daqui’*. E para reiterar os modos de não deixar o visitante fazer muita coisa, ela retomava a figura de Felipe ‘*Felipe mesmo disse que tem comunidade que ele já passou fora daqui e as daqui da região que ele não volta mais, ele fica aí em casa, ele gosta dos caldinhos né, do de quiabo assim que eu faço né, comida que dá sustança’.* Outras vezes dizia que Felipe deitava no sofá de Antônia, esposa de Francisco, dormia e estava sempre querendo aprender sobre a vida quilombola, ‘*era muito amigo de Gordão*’, dizia Enade sobre a relação de Felipe com o seu filho Joelson. Felipe, após ter finalizado o trabalho com o empreendimento, voltou até a comunidade se hospedando em tempo integral na casa de Enade do Pavão, ele, parece ter se afeiçoado a recepção ‘*dos de baixo’.*

**Um convite**

As insinuações e julgamentos pelo modo como cada setor recebia eram feitas em diversas situações, como mostrado acima, mas uma situação aqui merece destaque. Explico. Quando eu era visita no Colina, era comum eu ir ao Pavão, e isso acontecia em duas situações. A primeira, era feita por mim. Como uma forma de equilibrar as relações, mesmo hospedada no Colina, eu ia fazer algumas visitas e entrevistas no Pavão para não me distanciar dos interlocutores dali, do mesmo modo que, quando estava hospedada no Pavão, fazia visitas ao Colina. A segunda situação constituía-se no fato dos moradores do Pavão me convidarem, enquanto eu estava hospedada ‘*em cima’*, para jantares, almoços e festividades. Já sendo visita no Pavão, os moradores do Colina, com menor frequência, começaram a fazer isso também, em uma clara tentativa de me aproximar e me manter por perto para verificar como eu estava sendo recebida no setor concorrente, bem como para entenderem o meu posicionamento diante dos setores.

Logo nas primeiras semanas de 2021, em que estava me hospedando na casa de Joana, recebi um convite para um churrasco em Indira, vizinha de Enade no Pavão. Comentei com a minha anfitriã que não precisava contar comigo para o jantar, pois ia comer ‘*lá embaixo’*. Ela, em tom de brincadeira, mas deixando uma insinuação, me disse: ‘*mas você está aqui, esse povo não para, mas deixa*, *quando você for pra lá vai ter que vir jantar aqui também, vamos convidar’* (risos). Diferente da situação do Colina, vigiada pela brincadeira e pelas provocações, quando eu desci para o jantar em Indira, as insinuações começaram a ser feitas: ‘*olha quem apareceu’*; ou então: ‘*achamos que só ia ficar com esse povo pra lá’*. Enade era quem encabeçava todos os comentários, que eram seguidos com o aceno de cabeça de Indira. A liderança continuava: ‘*Eu não sei porque você não fica aqui, comadre Indira tem um quarto de casal, ventilador e banheiro só pra você’*.

Eu a confrontava dizendo que não era possível fazer uma pesquisa sobre a comunidade ficando apenas em um setor e, para isso, eu retomava algo que ela mesma havia me dito ainda nos primeiros meses de pesquisa, sobre conhecer a comunidade como um todo. Para também ter a anuência de outros moradores, recorria a Fernanda cunhada de Enade e a Anita sua filha, dizendo: *eu não tenho que ficar em vários setores gente?* Elas riam como quem concordava, mas também não discordava da parente. Enade, quando contrariada, antes de finalizar uma frase ou um pensamento soltava uma singular onomatopeia – ‘*hmm ai ai’* – significando tanto a reprovação quanto a mínima aceitação diante do ocorrido. Assim, para o meu comentário sobre ficar em vários setores, ela retrucava: ‘*hmm, ai ai, pelo menos você está com Zé, o único que presta ali’.* Dagna, filha de Margareth, que também presenciava a cena, dizia: ‘*aqui a gente é mais divertido, lá o povo pede pra levar as coisas’*.

Sobre essas insinuações que contêm tanto uma provocação dos modos de receber do Colina, mas também uma ressalva da boa reputação de Regis, eu me detinha a pensar que são modos de recepção distintos, mas que eu me identificava com os dois. E, para escapar desses questionamentos, sempre dava como exemplo as pessoas que eles também me ofereciam como exemplos, os funcionários da XRTE que vieram antes, durante, ou após a minha presença. Desse modo, eu continuava a dizer, *vocês faziam isso com Felipe?* *Porque até onde eu sei ele também ficava no Colina*. Ao que Enade respondia: ‘*hmm, ai ai, mas ele gostava mais de ficar aqui, igual o professor Francisco[[25]](#footnote-25) do Rio, fez a pesquisa e ficou aqui, a gente recebe melhor’.*

No seu pensamento, validado pelos demais moradores do Pavão, era inadmissível alguém *de fora* se identificar com os moradores do Colina pelos modos de receber, justamente porque, diferentemente de lá, eles não deixavam o chegante levar agrados para as refeições. Em tom provocativo, a liderança continuava: ‘*anda levando comida lá pra cima’?* Ou então: ‘*aqui você diz o que gosta de comer que a gente faz, nosso tratar é diferente’*. Fernanda continuava a destacar as cisões, mas agora pelo viés da política: ‘*igual com Marquinhos* [atual prefeito], *eles lá votaram nele e a gente em Miuk* [ex-prefeita], *mas ele vem e dá mais atenção pra nois que pra eles, ai o fogo inflama, mais pra gente do que pra eles que votaram.* Essas insinuações vinham sempre com um questionamento final que buscava um posicionamento da minha parte, mas caso este fosse feito, poderia também não ser tão bem visto, Enade dizia: ‘*quando você voltar, ter terminado a pesquisa vai ficar aonde’?* Fernanda interrompe e diz: ‘*Rogério ficou só pras bandas de lá, mas Felipe, nosso xodó, ficou aqui’*. Eu as respondia com uma feição impassível, reduzindo a dizer que era possível construir relações distintas e sinceras com ambos os setores, não sendo possível a preferência por um, ao que ela então concluía como sempre: *‘hmm, ai ai’.*

Hospedada no Pavão, recebi poucos convites dos primos para alguma festividade, eles entendiam ou pelo menos diziam entender a importância de equilibrar a minha presença e pesquisa em todos os setores, inclusive, no Pavão. Entretanto, quando ia para um desses convites como o churrasco na casa de *Ieda,* faziam o questionamento similar ao feito pelo Pavão, diziam ser uma brincadeira, mas que existia um ‘*teste final’*. Tal como Rogério e Felipe, que parecem ter escolhido apenas um setor para a hospedagem, *Ieda* dizia: ‘c*om Rogério, Dani, eu estava ainda desconfiada da amizade, mas aí ele voltou e ficou aqui, quero ver você*’ (risos).

**Considerações Finais**

Esse breve ensaio etnográfico buscou mostrar a forma como os moradores entendem a receptividade e realizam as insinuações e os julgamentos – pelas mobilidades veiculadores de conversas – sobre o modo como o outro setor recebe o visitante. Fazem isso tanto por um modelo histórico, como Joana disse sobre serem educados e honrarem a *vó Antônia*, mas enquanto uma ferramenta política, vista desde o começo dos anos 2000 de conseguirem vantagens[[26]](#footnote-26) com essas aproximações. Entretanto, mais do que apresentar as vantagens políticas angariadas pela boa recepção, o objetivo desse texto foi o de mostrar o **modus operandi** dessa relação entre *os de dentro* que não deixa de afetar quem vem *de fora*, vide, o posicionamento de Rogério e Felipe. Parece existir tanto uma vigilância feita entre e pelo os moradores sobre si mesmos, mas estes também com as pessoas *de fora,* o que me parece apontar paraum balanço que afeta quem *é de fora*, mas também quem é *de dentro*, pois todo mundo deve, de algum modo, ser mais ou menos controlado.

No caso dos funcionários do empreendimento, ao fim dos seus trabalhos, se posicionaram hospedando em um dos setores e, no meu caso, sendo constantemente exigido um posicionamento. Ao fim, os quilombolas jogam entre eles e com quem chega até ali, e a nós, os *de fora*, podemos ser, como também não ser, mais uma moeda de troca nas discordâncias ou concordâncias entre os setores colocados nessa complexa trama *ourinhense.*

**Referências Bibliográficas**

Almeida, Mauro William Barbosa de. Redescobrindo a família rural. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 63-83, 1986.

CARNEIRO, Ana. **O “povo” pa­rente dos Buracos:** mexida de prosa e cozinha no cerrado mineiro. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

COMERFORD, John Cunha. **Como uma família:**sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

COMERFORD, John Cunha. Vigiar e narrar: sobre formas de observação, narração e julgamento de movimentações. **Revista de Antropologia (USP. Impresso)**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 107-142, 2014.

DAINESE, Graziele. **Chegar ao cerrado mineiro:** hospitalidade, política e paixões. 2011. Tese (Douto­rado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

DAINESE, Graziele. Movimento e Animação das festas, visitas, andanças e chegadas. **Mana [online]**,Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 641-669, 2016.

ESTEVES, Francisco Patrício. **Historicidade e Campesinato:** Um estudo sobre a organização socioeconômica da comunidade de Malhadinha e sua inserção nas políticas públicas de Ação Afirmativa (1988 - 2011). 2012. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MARQUES, Ana Claudia. Considerações familiares ou sobre os frutos do pomar e da caatinga. *In:* Carsten, Janet; Machado, Igor; Marques, Ana Claúdia (orgs.). **Dossiê Parentesco**. São Carlos: Revista de Antropologia da UFSCar v. n. 2; jul/dez de 2014.

Pitt-Rivers (2012 [1977] PITT-RIVERS, Julian. The law of hospitality. *In:* PITT-RIVERS, Julian. **The fate of Shechem, or the politics of sex:** essays in the anthropology of the Mediter­ranean. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. (Republicado em Hau: Journal of Ethnographic Theory, v. 2, n. 1, p. 501-517, 2012).

SOUZA Candice Vidal; GUEDES, André Dumans. Antropologia das mobilidades. Brasília: ABA Publicações, 2021.

1. “Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.  [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). [↑](#footnote-ref-2)
3. O itálico será utilizado para palavras e expressões nativas: *fazer a ronda,* *lambida;* e para apelidos ou formas nativas de expressar o nome de alguém, por exemplo: Eleni, apelido: *Ieda.* O itálico com ‘aspas simples’ é discurso direto dos interlocutores. O colchete será usado para explicar alguma ideia e/ou palavra do discurso nativo. [↑](#footnote-ref-3)
4. A comunidade se situa no Tocantins, mas para preservar a imagem dos meus interlocutores, não farei referência a região, além de usar nomes fictícios. [↑](#footnote-ref-4)
5. Na Ourinho do Norte, é muito comum os moradores fazerem referência a quem é *de dentro* e a quem *é de fora*. *De dentro* seriam aqueles que são parentes, descendentes das famílias *que sempre estiveram ali* e são *nascidos e criados* naquele lugar. *De dentro* também são pessoas que não nasceram na Ourinho do Norte, mas casaram com alguém *de dentro*, mesmo sendo *de fora*. Ser *de dentro* relaciona-se muito mais com uma genealogia do que com uma vinculação com o espaço, embora o espaço seja também importante. Digo isso, pois as pessoas genuinamente *de fora* são aquelas que não nasceram e não residem ali. São os agentes do governo, políticos, conhecidos, desconhecidos e amigos. [↑](#footnote-ref-5)
6. A visita, a relação entre anfitrião e hospede, aqui, pode ser entendida como o ponto alto da hospitalidade. Sobre a hospitalidade vale ressaltar, tal como apontou Pitt-Rivers (2012 [1977]), o seu caráter dual. Isto é, o autor, ao escrever sobre uma lei da hospitalidade, sinaliza para a ambivalência que existe na relação entre o anfitrião e o hóspede. A *receptividade* envolve tanto uma possível relação hostil quanto uma relação acolhedora, uma linha tênue de hospitalidade/hostilidade, dada pelo encontro entre locais e estrangeiros. O que equilibra essa relação é justamente o fato de existir um acordo tácito ordenado pelo costume, tratando-se, pois, da proibição de ofender, ou pode-se dizer: simultaneamente, a evitação do respeito e a evitação do desrespeito. [↑](#footnote-ref-6)
7. Os setores são lotes de terras formados por parentes ligados por uma linguagem de filiação e casamento que compartilham unidades residenciais de trabalho e consumo (ALMEIDA, 1986). Ao todo a comunidade conta com aproximadamente 10 setores, mas, neste texto, serão apresentados, apenas os dois citados. [↑](#footnote-ref-7)
8. A *receptividade*, substantivo feminino derivado do verbo receber, engloba o que *os ourinhenses* fazem no cotidiano entre seus pares e com os estrangeiros que chegam ali. Construído a partir de múltiplas práticas, é utilizado como um termo plural e é, geralmente, proferido em entrevistas menos espontâneas, portanto, mais formais. A escolha por seu uso deriva dessa função infinitiva, que permite sintetizar sem reduzir, mas, no limite, seria o mesmo que hospitalidade. [↑](#footnote-ref-8)
9. O programa Luz para Todos foi implementado pelo governo Lula em 2003, já o programa Minha Casa, Minha Vida, muito embora tenha sido criado efetivamente em 2009, as casas de alvenaria começaram a chegar na comunidade mediada pelo Programa Brasil Quilombola já em 2005 (ESTEVES, 2012). [↑](#footnote-ref-9)
10. Vale ressaltar que a ação política do receber bem não é feita de maneira consciente e arbitrária, existe sim uma tentativa de controle da situação, mas não é arquitetado milimetricamente, é antes de tudo, um modo de conduzir suas agências. Logo esse movimento não imuniza os moradores de todos os riscos que os chegantes podem oferecer ao serem bem recebidos. [↑](#footnote-ref-10)
11. O empreendimento Xingu-Rio Transmissão de Energia (XRTE) teve início em 2015, sendo organizado e financiado pela empresa State Grid – uma companhia de eletricidade da China. Trata-se da construção de uma linha de transmissão de energia de 2.543,4 km, que sai de Altamira, no Pará (PA), e finaliza no terminal Rio, em Nova Iguaçu (RJ). A Ourinho do Norte foi impactada com a construção de dez torres de energia elétrica de alta tensão e pela travessia de 12,0 km de linhas em seu território. De 2015 a 2019, a subcontratada Concremat Ambiental realizou as medidas mitigatórias através de cursos de capacitação e empreendedorismo rural, a reforma do barracão para as reuniões da associação, a construção de dois poços artesianos e de uma unidade de processamento (fábrica) de polpa de fruta, além de cursos sobre sustentabilidade e outros temas. Atualmente, quem estabelece relações com a comunidade é apenas a XRTE. [↑](#footnote-ref-11)
12. Vale ressaltar que os conflitos entre os setores são anteriores a essa mudança política na Associação, isto é, já divergiam em ideias, pensamentos e modos de atuação, indo ao encontro do que Comerford (2003) disse sobre o conflito na Zona da Mata Mineira, como sendo algo fundamental para a constituição das famílias e das suas respectivas reputações. É no plano da retorica e da prática que as famílias se constituem, através da discussão moral, do respeito e da reputação, permitindo um maior índice da familiaridade e união. [↑](#footnote-ref-12)
13. Programa Básico Ambiental Quilombola (PBAQ). [↑](#footnote-ref-13)
14. A pesquisa na comunidade vem sendo realizada desde o ano de 2019 até a presente data. Em 2019 fiquei com o grupo de abril a agosto, em 2020, permaneci vinte dias no mês de janeiro e, no final de 2021, fiquei um mês (nov/dez) no quilombo. Em 2019, passava a semana no grupo e o final de semana em Palmas, sendo que em uma semana eu ficava no Colina e na outra no Pavão. Em 2020, fiquei hospedada em Porto Nacional, sem residir em nenhum dos setores e, em 2021, passei 15 dias no Colina e 15 dias no Pavão, não deixando, é claro, de transitar também pelos outros setores do quilombo. [↑](#footnote-ref-14)
15. A palavra agonística, segundo Comerford (2003), sinaliza para o combate, este podendo ser uma dimensão artística – de espetáculo ou dramatização pública -, mas também como de técnica que pode ser julgada e apreciada publicamente pelos que a praticam e conhecem. [↑](#footnote-ref-15)
16. Sobre o conceito de visita nas comunidades rurais mineiras, conferir CARNEIRO (2010) e DAINESE (2016). [↑](#footnote-ref-16)
17. *Ser de casa* é tanto uma forma de movimentar quanto uma condição de ser visto e de ser recebido. Quem é *de casa* geralmente se movimenta dando *um recado, fazendo bestagem, a ronda, fofocando e fuxicando.* Ademais, são pessoas que são vistas como alguém que não precisa ter cerimônia, justamente pela proximidade entre o anfitrião e o hóspede e pelo parentesco. [↑](#footnote-ref-17)
18. Quando se combina uma relação de *visita* entre *os de casa*, significa que o anfitrião vai dedicar um tempo a uma pessoa que tem o hábito de apenas chegar, vai preparar uma refeição fora do habitual ou mesmo se for dentro do habitual, o que terá destaque é a dedicação a esse encontro. Carneiro (2010, p. 62) observa isso também na comunidade mineira dos Buracos ‘*Uma pessoa chegada pode eventualmente receber um tratamento mais cerimonioso, de um modo que se assemelhe à visita, mas que talvez seja apenas o traço casual de uma oportuna demonstração de afeto”*. [↑](#footnote-ref-18)
19. Diferente de Comerford (2003) que sinaliza que, entre os seus interlocutores, a *fofoca* seria um termo forte e com alta carga negativa, a depender das circunstâncias e da maneira de narrar, na Ourinho do Norte, isso era atribuído ao termo *fuxico.* A *fofoca*, seria uma maneira de mostrar a mobilidade de um assunto, podendo até mesmo, e através dela, construir relações de amizade, como acentuava Sandola, pai de *Ieda:* ‘*fofoca traz graça, fuxico traz desgraça, fofoca faz amizade e fuxico inimizade’.*  [↑](#footnote-ref-19)
20. Quem está no Colina faz referência ao Pavão também como ‘*povo lá de baixo’* e quem está no Pavão faz menção ao Colina como ‘*povo lá de cima’*. Essas grandezas estão baseadas mais em uma medida de altitude do que por latitude. [↑](#footnote-ref-20)
21. Rogério foi funcionário da subcontratada da XRTE – Concremat Ambiental – de 2017 à 2019, retornando ao quilombo, como amigo, em 2021 e passando dois meses com os moradores do Colina. *Ieda* me relatou que a forma que ele encontrava para agradecer a estadia era no cuidado que ele tinha com os pets, Life e Puff, os cachorros de Joana. Segundo *Ieda*, *‘ele pegava os bixos e levava lá no Porto no veterinário e trazia de volta*, *Puff estava bem feio mesmo e ele ficou com dó, e ele é biólogo, ele pegou o cachorro dela* [Joana], *ela nem estava e levou pro veterinário no carro’*. Outras vezes o agradecimento era no cuidado com os seus filhos ao ensinar ‘*Aleandro a dirigir a sua caminhonete’*. [↑](#footnote-ref-21)
22. É participar de um assunto ou de uma conversa, sem demonstrar claramente o interesse; outras vezes o *assuntar* pode ser visto como o observar, sem fazer perguntas e/ou falar coisa alguma. Existem, ao menos, dois formatos: um mais ativo, que seria feito por meio de perguntas diretas, e outro menos ativo, que consiste em apenas observar sem tecer qualquer comentário. [↑](#footnote-ref-22)
23. A *natureza do setor,* em sentido geral, era definida pelo comportamento de determinada família diante de várias situações da vida cotidiana, envolvendo desde os *modos de receber, de criar*, de trabalhar, *de fazer vizinhança, de conversar*, os valores morais e até mesmo políticos. Segundo Sandola, pai de *Ieda,* ‘*natureza é como se diz, as vezes tem uma natureza que gosta de todo mundo, aí todo mundo acompanha’.* Essa *natureza* poderia ser por continuidade, pelo sangue familiar, mas também pela criação da pessoa, por intermédio da educação, *do viver junto*. Marques (2014), em seu trabalho de campo, observa esse movimento através do termo raça, povo ou natureza do povo, fazendo referência às singularidades físicas, adesões políticas, morais, psíquicas e temperamentais de um universo de parentes. [↑](#footnote-ref-23)
24. Muito embora as deliberações sobre o empreendimento fossem feitas no Colina, por ser o setor de residência de Joana, ainda assim, era comum os funcionários do empreendimento também irem no Pavão e estabelecerem relações com Enade, tanto em respeito à sua figura tradicional, como também pelo fato de ela ser respeitada pelos moradores e influenciar nas decisões coletivas da comunidade. Felipe é funcionário da Concremat Ambiental, mas, diferente de Rogério, ele ainda é vinculado à empresa, sendo que ambos finalizaram o trabalho com a Ourinho do Norte em 2019. Nesse projeto, Felipe ficou de 2017 até o começo de 2020. [↑](#footnote-ref-24)
25. Francisco Esteves concluiu em 2012 seu doutorado em História Social, tendo a Ourinho do Norte como referência de sua tese. [↑](#footnote-ref-25)
26. Em outras conversas, me foi apresentado por meus interlocutores, tanto os perigos, os afetos, as decepções, mas também as vantagens que a proximidade com os políticos e com os funcionários da XRTE, trouxeram para as respectivas famílias. Por exemplo, o filho de Enade foi empregado para trabalhar na linha de transmissão e Rogério auxiliava na leitura do material referente ao empreendimento e em dicas sobre as maneiras que a liderança – Joana – poderia utilizar para a discussão de alguma benfeitoria diante da fábrica de polpa de fruta. [↑](#footnote-ref-26)